

RESENHA

NAS RUÍNAS DO NEOLIBERALISMO: A ASCENSÃO DA POLÍTICA ANTIDEMOCRÁTICA NO OCIDENTE.

BROWN, Wendy. Nas Ruínas do Neoliberalismo: a Ascensão da Política Antidemocrática no Ocidente. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

Maria Clara de Mendonça Maia¹

Em *In the ruins of neoliberalism*, publicado originalmente em 2019 pela Columbia University Press, a filósofa e cientista política norte-americana Wendy Brown se propõe a discutir a relação entre o avanço da extrema direita no ocidente e a substituição da ordem liberal-democrática. A partir da revisão dos elementos e dos efeitos do neoliberalismo, enquanto uma racionalidade que combina a disciplina dos mercados e a moralidade conservadora patriarcal, racista e xenofóbica, reposiciona a crítica às relações entre o neoliberalismo e o neoconservadorismo.

Para a autora, a denominada segunda onda do neoliberalismo emerge com a insuficiência, na crise econômica de 2008, dos elementos que até então garantiam os sucessos do neoliberalismo: desregulamentação, globalização e financiamento da dívida. Esse contexto é o que abre espaço para a ascensão do populismo de extrema-direita, a retomada de valores conservadores “de um passado mítico de famílias felizes, íntegras e heterossexuais, quando mulheres e minorias raciais sabiam seus lugares [...] e quando cristandade e branquitude hegemônicas constituíam a identidade, o poder e o orgulho manifestos da nação” (Brown, 2019, p. 13). Nesse sentido, embora as formações políticas autoritárias nacionalistas não tenham sido desejadas pela inteligência neoliberal clássica, sua ascensão foi possível em razão das mais de três décadas do neoliberalismo de ataques à democracia, à igualdade e à sociedade, somadas à raiva acumulada dos

¹ Doutoranda e Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais. Bacharel em Gestão Pública pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: mariaclaramaia@outlook.com.br

indivíduos que foram abandonados economicamente.

Com esse livro, Wendy Brown pretende fazer a correção do seu argumento anterior, presente nas obras *Undoing the Demos: Neoliberalisms Stealth Revolution* (2015) e *The American Nightmare, Neoliberalism, Neoconservatism and De-democratization* (2006), que discutiam a desdemocratização como provocada pelo encontro entre o neoliberalismo e o neoconservadorismo. Agora, ao retomar os escritos de Friedrich Hayek, o principal intelectual do neoliberalismo que reuniu a defesa das diferentes escolas e correntes, o argumento é de que o ataque à justiça social e à sociedade é uma consequência direta da racionalidade neoliberal. Não se trata, portanto, somente do chamado “conservadorismo”, já que o neoliberalismo, para Hayek, coloca o mercado e a moral como formas de provisão de recursos, com a ordem e a evolução espontânea centradas na liberdade.

A autora utiliza as abordagens foucaultianas e as neomarxistas do neoliberalismo. Foucault, ao discutir o nascimento da biopolítica, apresentou o neoliberalismo como a reprogramação do liberalismo como racionalidade política, vinculando a dinâmica mercantil à governamentalização do Estado e suas instituições como um princípio de organização da vida social em geral. A contribuição das abordagens neomarxistas advém da crítica do ataque do neoliberalismo aos Estados de Bem-Estar, às sociais-democracias e ao socialismo.

O primeiro capítulo, “A sociedade deve ser desmantelada”, é iniciado com a defesa de que a igualdade política é a base da democracia, e, portanto, para a autora, as democracias liberais ou capitalistas nunca foram democracias plenas. Dentro da intelectualidade neoliberal, foi Friedrich Hayek o autor a fazer as críticas mais severas à noção de sociedade e à social-democracia, argumentando que a justiça social ataca a liberdade. A alternativa apresentada por ele ao planejamento e à justiça do Estado seria a conduta disciplinada e evoluída entre o mercado e a moral, que promoveriam a ordem e a liberdade, ao fornecerem códigos para a ação dos indivíduos. Portanto, se a confiança na política da sociedade é o que leva à justiça social, a sociedade deveria ser desmantelada, conforme segue:

Epistemologicamente, o desmantelamento da sociedade envolve a negação de sua existência. Politicamente, envolve o desmantelamento

ou a privatização do Estado social, seguridade social, educação, parques, saúde e serviços de todos os tipos. Legalmente, envolve o manejo de reivindicações de liberdade para contestar a igualdade e o secularismo, bem como as proteções ambientais, de saúde, de segurança, laborais e ao consumidor. Eticamente envolve a contestação da justiça social por meio da autoridade natural dos valores tradicionais. Culturalmente, implica uma versão do que os ordoliberalistas chamaram de "desmassificação", escorando os indivíduos e famílias contra as forças do capitalismo que os ameaçam. (Brown, 2019, p. 48).

Dessa forma, quando a sociedade desmantelada é naturalizada, as desigualdades sociais e exclusões históricas de classe, gênero, raça e geográfica se tornam invisíveis e a privação de direitos é autorizada em nome da liberdade, gerando a atualização da voz e legitimidade da supremacia branca masculina no século XXI.

No capítulo dois, "A política deve ser destronada", há a defesa de que no sentido do "político" reside um significado de povo e resguarda a possibilidade da democracia como governo pelo povo, sendo a legitimidade da democracia intrinsecamente ligada a essa ideia. O projeto do neoliberalismo é o de limitar e conter o político, separando-o da soberania e das suas formas democráticas, promovendo Estados e instituições supranacionais despolitizados, disciplinados pelo mercado e pela moral, que substituem valores de partilha democrática por gestão e tecnocracia. As diferentes escolas e intelectuais neoliberais diferiam em seu antagonismo em relação ao político, entretanto, todos procuravam radicalmente limitar os poderes políticos e a democracia robusta, enfatizando as liberdades individuais.

No capítulo seguinte, "A esfera pessoal e protegida deve ser expandida", a autora retoma a relação entre a moral e o mercado no projeto neoliberal proposto por Hayek e apresenta a família como núcleo moral e econômico fundamental para o referido projeto. A liberdade, para ele, exige a ausência de coerção, seja direta por outros indivíduos ou indireta exercida pelas instituições políticas, e relaciona-se com a capacidade de experimentação não forçada dentro dos códigos de conduta que são gerados pela tradição e consagrados pela moralidade, através das leis e dos mercados. A tradição organizaria um modo de vida livre em oposição a um modo de vida organizado pelo político e, portanto, uma sociedade livre seria uma sociedade organizada pela tradição. Para a autora,

isto é o que favorece a desdemocratização em nome da liberdade e da moralidade.

Ao discutir o neoliberalismo realmente existente, afirma-se que a privatização econômica continua a ser a face do neoliberalismo, que mantém velada a privatização da esfera pessoal protegida. A racionalidade neoliberal mercantiliza a vida cotidiana de um lado e “familiariza” de outro, contestando os princípios democráticos de bem comum, igualdade, pluralidade e secularidade. Esse modelo duplo de privatização é estendido ao próprio conceito de nação, “longe de algo público e democrático, a nação é concebida como propriedade privada e familiar, e o presidente é o *pater familias*” (Brown, 2019, p. 143).

No capítulo quatro, “Bolos falam, centros de gravidez oram”, complementando as análises dos teóricos constitucionais sobre os efeitos desregulatórios recentes da Primeira Emenda da Constituição Americana pelos negócios e pela direita religiosa, a autora defende que, para além desses efeitos, são exemplos de como o livre exercício religioso, e a livre expressão operam conjuntamente para reforçar a moralidade tradicional contra os valores de igualdade nas democracias contemporâneas, criando uma nova jurisprudência para recristianizar a esfera pública. A partir disso, o capítulo discute duas sentenças da Suprema Corte Americana que exemplificam a garantia da expansão da ideia da esfera pessoal protegida, e a substituição da sociedade democrática por uma sociedade organizada pelos mercados e pela moralidade tradicional, a partir do argumento da liberdade.

Na primeira sentença, a Comissão de Direitos Civis do Colorado julgou como homofobia um caso em que um confeitiro que se recusou a fazer um bolo para um casamento gay. A Suprema Corte apontou falha da referida Comissão, argumentando que a liberdade de expressão do confeitiro teria sido violada. A segunda sentença tratou-se de um Ato do estado da Califórnia, que obrigava os *Crisis Pregnancy Centers*, centros de gravidez que procuram convencer as mulheres a não abortar, a informar sobre serviços de saúde reprodutiva. Neste caso, a Corte considerou uma violação das crenças religiosas dos profissionais, equiparando a liberdade de expressão profissional aos direitos da Primeira Emenda.

Os dois casos discutidos demonstram como a Suprema Corte Americana utilizou o argumento da liberdade de expressão para legitimar a cristandade

conservadora para além da esfera privada, protegendo as instituições religiosas das leis da esfera pública e retirando do Estado o poder de ser o garantidor do interesse público do direito ao aborto.

No capítulo cinco, “Nenhum futuro para homens brancos: niilismo, fatalismo e ressentimento”, Brown retoma a discussão de Nietzsche sobre niilismo. O conceito relaciona-se com os desafios colocados pela ciência e pela razão a Deus e às outras formas de autoridade, questionando como os significados são construídos, desvalorizando valores elevados, como a democracia e a igualdade, tornando-os fluidos e superficiais. Nesse sentido, a autora defende que a financeirização e a monetização do lado economizante do neoliberalismo reforça a era niilista, ao relacionar os aspectos da vida humana às possibilidades de investimento do valor futuro.

A discussão de Marcuse sobre a dessublimação repressiva é retomada, entendida como a declinação da autonomia, pela declinação da compreensão no seu sentido racionalista, isto é, de quando o sujeito que não se emancipou vive imerso nos estímulos e prazeres capitalistas. A dessublimação repressiva possui uma aparência de liberdade, mas é uma opressão do *status quo*. Para a autora, portanto, esses dois conceitos de Nietzsche e Marcuse contribuem para explicar a atração da extrema-direita por líderes que evocam gritos de guerra vingativos, por exemplo.

É a combinação entre a negação do neoliberalismo ao político e ao social com a dessublimação da masculinidade branca ferida, que geram uma liberdade desinibida e violenta, ainda que frequentemente seja disfarçada de argumentos religiosos. Ao mesmo tempo, retomam uma versão do niilismo tradicional moral, sobre, por exemplo, o direito de acesso dos homens às mulheres. Portanto, não é mais necessário que a conduta de um indivíduo seja moral, apenas que evoque a moralidade no seu grito.

Por fim, conclui:

A nação, a família, a propriedade e as tradições que reproduzem privilégios raciais e de gênero, feridas de morte pela desindustrialização, pela razão neoliberal, pela globalização, pelas tecnologias digitais e pelo niilismo são reduzidas a resquícios afetivos. Até agora, esses resquícios foram ativados predominantemente pela direita. Que tipos de visão e

crítica políticas de esquerda podem atingi-los e transformá-los? (Brown, 2019, p. 228).

Sem dúvida, Wendy Brown é uma das maiores referências da discussão sobre as relações entre o neoliberalismo e o neoconservadorismo na Filosofia Política e na Ciência Política, a partir de uma perspectiva crítica. A presente obra, motivada pela ascensão da complexa coalizão da extrema-direita no ocidente na segunda metade do século XXI, a partir das formulações neomarxistas e foucaultianas, traz uma ampla contribuição para formar uma crítica consistente à segunda onda do neoliberalismo, evidenciando seu sentido estruturalmente conservador e desdemocratizador, através da separação do princípio de liberdade do princípio de igualdade.

Brown problematiza como o discurso de liberdade neoliberal é utilizado pela extrema-direita para justificar exclusões violentas, reafirmando as hegemonias raciais e de gênero, enquanto desacredita as iniciativas de justiça social da esquerda. Ela critica, portanto, a maneira como o neoliberalismo despolitiza o Estado e a sociedade, favorecendo a privatização e a moralização da vida pública, e fortalecendo a agenda da extrema-direita em um contexto global.

Embora o livro não apresente caminhos alternativos para o contexto atual de crescente ascensão da extrema-direita, e esteja muito centrado no contexto norte-americano, os elementos analíticos e argumentativos apresentados são necessários para o entendimento do avanço do neoliberalismo conservador enquanto uma racionalidade política, econômica e social em outros países ocidentais, inclusive no Brasil. Contribui, portanto, como um diagnóstico para a reflexão das possibilidades de disputa democrática e para os interessados em aprofundá-la.

REFERÊNCIAS

BROWN, Wendy. **Nas Ruínas do Neoliberalismo: a Ascensão da Política Antidemocrática no Ocidente**. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.